

## **A RELAÇÃO PROFESSOR- ALUNO: UM ESTUDO DE CASO EM ESCOLAS NO MARAJÓ - PARÁ<sup>1</sup>**

**Tatiana Gama de Almeida**

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia

*Universidade Federal do Pará – Campus Universitário do Marajó – Breves – ttatianagm@gmail.com*

**André Luiz Sarraf Gama**

Acadêmico do Curso de Licenciatura em Pedagogia

*Universidade Federal do Pará – Campus Universitário do Marajó – Breves – andre.sarraf29@gmail.com*

**Sônia Maria Pereira do Amaral**

Pedagoga, Mestre em Comunicação Linguagens e Cultura

*Universidade Federal do Pará – Campus Universitário do Marajó – Breves – soniamaral@ufpa.br*

### **RESUMO**

O presente trabalho trata-se de um relato de pesquisa realizada por meio de observação em salas de aulas de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental no município de Breves no arquipélago do Marajó, no estado do Pará, tendo como foco a relação professor-aluno. O objetivo da pesquisa foi identificar como os professores se relacionavam com os seus alunos em suas práticas pedagógicas, tendo em vista essa relação ser imprescindível para o processo de ensino e a aprendizagem. Os resultados da pesquisa indicaram que, essa relação ainda encontra-se na maioria das vezes na verticalidade, sendo o professor aquele que conduz a educação num processo em que não há participação ativa dos alunos, cabendo a eles, apenas assistir as aulas e reproduzir as atividades didáticas e apenas uma pequena minoria participa por meio de perguntas ou mesmo realizando as atividades com ajuda dos colegas e por vezes do professor.

**Palavras-chave:** Relação professor-aluno. Escola. Aprendizagem.

### **1 INTRODUÇÃO**

Sabemos que desde muito tempo que o homem é considerado um ser social e que se constituiu pelas diversas relações que ele estabelece na sociedade. Somos considerados de tal maneira não só porque não podemos viver sozinhos, mas também porque o outro influi direta ou indiretamente na nossa construção como pessoa (VYGOTSKY, In: REGO, 1995). Criamos e fazemos parte de grupos de pessoas de diferentes classes sociais, crenças, etnias e comportamentos. Encontramos situações que ora nos satisfazem, ora nos inquietam e através de todas essas relações somos capazes de construir nossa personalidade e interagir com o mundo. Buscando fundamentos da psicologia da educação, encontramos Vygotsky, com sua teoria interacionista, afirmando-a, ao

---

<sup>1</sup> Atividade Curricular da disciplina Psicologia da Educação.

considerar que o indivíduo é um ser social e que constrói sua individualidade a partir das interações que se estabelecem entre os indivíduos.

A cada nova fase da vida somos apresentados a um novo grupo social, afetivo ou profissional. Quando crianças, nosso grupo principal é a família, ao crescer temos o contato com a escola, religião, amigos, entre outros. Piaget (GOULART, 2001), afirma que a cada estágio de desenvolvimento compreende-se uma maneira de ser social, daí a forma como uma criança, no período pré-operatório, interage socialmente diferente de uma pessoa que atingiu o nível das operações formais, haja vista esta conseguir estabelecer com coerência e equilíbrio trocas intelectuais.

Diante desses pressupostos percebemos a grande importância que essas relações têm para a nossa vida social, profissional e afetiva e o quanto elas refletem em nossos comportamentos ao longo do tempo. Nesse sentido, indagamos: podemos ignorar tamanha contribuição que a interação tem em nossa vida? E ao tratar do contexto escolar, como deve se dar esse processo entre professor-aluno?

A relação professor-aluno sempre foi bastante debatida, questionamentos acerca do papel do professor e do aluno, sempre foi uma grande questão para muitos pensadores da educação de diferentes gerações. Entretanto, poucos se preocupam em investigar que papel ocupa o aluno na escola? Ou, qual o lugar do aluno na escola?; questionamentos esses, deveriam ser a base para se entender como ocorre o processo ensino-aprendizagem.

Na condição de alunos do curso de licenciatura em Pedagogia e motivados a ingressar no curso fazendo a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, realizamos uma pesquisa campo (TOZONI-REIS, 2009) em cinco turmas de cinco escolas da cidade de Breves no Marajó, estado do Pará, com o objetivo de identificar como vem se dando a relação professor-aluno nas turmas dos primeiros anos do ensino fundamental. Para esta pesquisa usamos como instrumento para a coleta de dados a observação nas salas de aula. Os resultados deste trabalho serão apresentados na seção a seguir.

## **2 RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: mediações e aprendizados**

Para a realização da presente pesquisa tivemos como sujeitos, professores e alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental de escolas da cidade de Breves no Marajó – Pará. Os procedimentos para a coleta de dados iniciaram com a Faculdade de Educação e Ciências Humanas do Campus

Universitário do Marajó – Breves, solicitando autorização para que os alunos do 1º semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia pudessem adentrar as escolas e realizar pesquisa de campo. Após o consentimento das escolas, foi a nossa vez de irmos as escolas munidos de cartas de apresentação contendo os objetivos da pesquisa, a ser entregue aos professores, os quais nos receberam. Após esses momentos, os trabalhos iniciaram com a coleta de informações por meio da observação direta das atividades desenvolvidas nas salas de aula.

Após nossas observações, nas análises dos dados constatamos que a relação professor-aluno nos anos iniciais do ensino fundamental da escola pesquisada, aparece ainda pouco valorizada, como algo irrelevante. O que percebemos foi que na minoria das turmas ocorria de fato uma boa relação - neste estudo a boa relação será entendida como aquela em que o aluno participa ativamente das atividades em estreita interação com o seu professor, ou seja, o que se observou foram alunos que assistiam aula, não participavam, numa relação hierárquica de quem tem o saber para os que nada tem, ou seja, tem-se ainda uma relação bancária de educação (FREIRE, 1987). Isso nos causou muitas indagações e inquietações, nos fazendo questionar o papel e a formação do professor, sendo que esta última questão, possibilita ao docente conhecer que o processo de interação, conforme propõe Vygotsky (REGO, 1995) quando trata do papel mediador do professor na dinâmica das interações interpessoais. A contribuição de uma boa relação professor-aluno para o processo de ensino e aprendizagem é visível e indispensáveis, nesse sentido, porque alguns professores ainda a ignoram e dão pouca importância a essa relação?

As crianças, são muito influenciadas por gestos, ações, afetividade e motivação, se seus professores não estiverem atentos a essas ações, dificilmente poderão relacionar-se com seus alunos de forma eficiente, haja vista que a falta de conhecimento de quem são seus alunos, com salas de aulas lotadas, dificilmente haverá como esses professores compreenderem como estabelecer relações em que seus alunos não sejam apenas sujeitos passivos de uma realidade que é e deve ser sempre ativa.

É necessário [estabelecer uma relação de confiança](#) entre alunos e professores, já que, quando existe esse sentimento em sala de aula, os alunos têm mais disposição para aprender e os professores se sentem mais motivados para continuar seu processo didático. Para isso, é importante ressaltar que uma interação social, para ser completa e eficaz precisa ter comprometimento de ambos os lados. Assim como o aluno tem sua maneira de se aproximar das pessoas, o professor também terá uma certa orientação para suas “afinidades”. No entanto, vale lembrar que há uma grande diferença de experiências entre o aluno, e a pessoa que deve assumir o seu papel de

professor; e para isso o orientador deve usar todo o seu conhecimento e aplicá-lo no âmbito educacional. Nesse sentido, podemos analisar que a sala de aula não pode transformar-se em um lugar de monólogo, mas de polifonias, onde todas as vozes sejam escutadas e respeitadas. Ao ouvir os alunos, não significa que este professor está deixando de cumprir com o seu papel, na verdade, está oportunizando o crescimento daqueles com os quais tem responsabilidades em introduzi-los na dinâmica social da vida, deixando-o livre para a criatividade, o que só a terá se sentir-se à vontade em seu ambiente. Para Freire (1996) esse sentido de pertencimento se dará quando a escola passar a respeitar os saberes dos educandos, sobretudo os das classes populares que na maioria das vezes vivem silenciados.

Um dos meios para se chegar a essa relação de confiança entre professor e alunos é a afetividade, pois ela é imprescindível continuamente na vida da criança, independentemente de sua origem, gênero ou classe social. Porém, pelo que se observou nesta pesquisa é que os professores ainda são muito resistentes a essa aproximação com os alunos, numa tentativa de manterem-se neutros diante do que acontecia na sala de aula: agressividade verbal e física, desinteresses para com as atividades, desrespeito ao próprio trabalho do professor - visto que a escola ainda é fortemente influenciada por métodos da escola tradicional que, com frequência desvalorizam a importância da vivência na formação do aluno. O aluno é convidado a se manter imóvel numa carteira por horas, tornando-se expectador do processo de ensino-aprendizagem, prática adotada anteriormente na tendência tradicional de ensino, onde a criança era vista como um depósito de conhecimentos e há décadas Freire (1996) nos possibilitou essa discussão ao afirmar “ensinar, não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”; dessa forma o professor evita se envolver afetivamente com o aluno, pensando que essa aproximação o levaria a um “excesso de confiança” e ao fracasso do processo de aprendizagem, quando muitos estudiosos comprovaram que esta poderia ser uma das formas de trazer o sucesso escolar.

### **3 CONCLUSÃO**

Podemos considerar que os estudos apresentados trazem apenas algumas considerações a serem refletidas - até porque ainda somos calouros nessa discussão e no nosso curso de Pedagogia - uma vez que tal discussão é recorrente nos debates educacionais, sejam nas academias nos cursos de formação de professores, seja por meio das literaturas que se apresentam; no entanto, de onde partimos, ou seja, do nosso lugar de fala – Marajó, pouco se tem escrito como se procedem as

práticas pedagógicas e nesse cenário, como se dá a relação professor-aluno na sala de aula; dessa forma reconhecemos a relevância deste trabalho e acreditamos que muito se tem a aprender nesse contexto psicopedagógico, pois sem uma boa relação social, de confiança, não há aprendizagem e se não houver aprendizagem na escola, esta instituição deixa de cumprir com o seu papel, com a sua missão. Dessa forma, inferimos que os professores das escolas pesquisadas ainda têm um longo caminho a percorrer no sentido de construir práticas pedagógicas onde professores e alunos sejam respeitados em seus saberes e onde as relações sociais e interpessoais estejam a serviço da aprendizagem de todos.

#### 4 REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GOULART, Iris Barbosa. **Piaget**: Experiências básicas para utilização do professor, 18ª ed. Petrópolis, RJ, 1983.

REGO, Tereza Cristina. **VYGOTSKY**: Uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, RJ, Vozes, 1995.

TOZONI -REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa**, 2ª edição. 2009.